

## **Educação Não Formal e Turismo Cultural: o patrimônio cultural rural em fazendas históricas paulistas**

Non-formal Education and Cultural Tourism: rural cultural heritage in historic farms in São Paulo

Recebido em: 24 de agosto de 2011  
Aprovado em: 14 de outubro de 2011

### **Lívia Morais Garcia Lima**

Bacharel em Turismo pela UNESP. Mestre em Gerontologia pela Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP. Atualmente é doutoranda em Educação pela UNICAMP no Departamento de Ciências Sociais na Educação.

E-mail: [liviamglima@gmail.com](mailto:liviamglima@gmail.com)

### **Olga Rodrigues de Moraes von Simson**

Socióloga pela USP. Doutora em Sociologia da Cultura pela USP. Atualmente é professora colaboradora da Faculdade de Educação da UNICAMP e pesquisadora do Centro de Memória da UNICAMP.

E-mail: [simson@superig.com.br](mailto:simson@superig.com.br)

### **Resumo**

A questão central deste artigo é discutir os princípios estruturadores das ações de educação patrimonial não-formal realizadas no âmbito do meio rural paulista, voltadas para diferentes grupos etários, de diferentes classes sociais, a partir da comparação de seis fazendas históricas paulistas. Esse processo será realizado a partir de uma metodologia de caráter qualitativo (História Oral) com ênfase na técnica da entrevista aberta. Em uma segunda fase da pesquisa, o conteúdo das entrevistas realizadas será organizado tematicamente e analisado à luz das produções mais recentes de Educação Patrimonial, comparando seus resultados com aqueles da análise da bibliografia específica. Conclui-se que entre as possibilidades que contribuem para o desenvolvimento de um processo educacional não-formal, envolvente e prazeroso, nas fazendas históricas paulistas, estão o turismo cultural no espaço rural e a educação patrimonial não-formal, ambos geradores de meios que permitirão a sustentabilidade dos patrimônios material e imaterial nas propriedades consideradas.

**Palavras-chave:** Educação não-formal. Turismo Cultural. Educação Patrimonial. História Oral. Fazendas Históricas.

### **Abstract**

The central question of this paper is to discuss the structuring principles of equity shares of non-formal education undertaken through the countryside of São Paulo, aimed at different age groups, from different social classes, from the historical comparison of six farms in São Paulo. This process will be conducted from a qualitative methodology (Oral History) with emphasis on technique of the open interview. In a second phase of the research, the content of the interviews will be organized thematically and analyzed in light of the recent productions of heritage education, comparing their results with those of the analysis of research literature. We conclude that among the possibilities that contribute to the development of a non-formal educational process, engaging and

pleasant, historic farms in São Paulo, are cultural tourism in rural and non-formal heritage education, both generating means by which the sustainability of tangible and intangible assets in the properties considered.

**Key-words:** Non-formal education. Cultural Tourism. Patrimonial Education. Oral History. Historical Farms.

## INTRODUÇÃO

O Patrimônio Cultural Rural Paulista pode ser definido como o conjunto de registros materiais e imateriais decorrentes das práticas, dos costumes e das iniciativas produtivas que se estabelecem, historicamente e territorialmente, na área rural (TOGNON, 2007, p. 03). Neste projeto o patrimônio é explorado como espaço turístico-educacional dentro de uma visão de educação patrimonial não-formal no contexto rural, envolvendo os patrimônios materiais e imateriais, para públicos de diferentes idades, formações educacionais e classes sociais diversas. Ele busca avaliar também se as visitas às fazendas forneçam oportunidades sedutoras de aprendizagem enfocando questões de educação patrimonial, através do turismo cultural, nas quais o turista deixa de vivenciar uma posição passiva para se tornar um visitante ativo envolvido com a realidade a ser conhecida.

Para Barretto (2000, p. 19) a tipologia do turismo que dialoga com o patrimônio cultural é justamente aquela do turismo cultural, estando relacionada a todo turismo cujo principal atrativo não seja a natureza, mas algum aspecto da cultura humana. A outra face da discussão que este artigo propõe é a da educação não-formal, que assim pode ser definida:

A educação não-formal, por poder lidar com outra lógica espaço-temporal, por não necessitar se submeter a um currículo definido a priori, por dar espaço para receber temas, assuntos, variedades que interessam ou sejam válidos para um público específico naquele determinado momento e que esteja participando de propostas, programas ou projetos nesse campo, faz com que cada trabalho e experimentação sejam únicos. E, por envolver profissionais e frequentadores que podem exercitar e experimentar outro papel social, que não o representado na escola formal (como professores e alunos), contribui com uma maneira de lidar com o cotidiano, com os saberes, com a natureza e com a coletividade (SIMSON, PARK, FERNANDES, 2007, p. 22).

As atividades de educação patrimonial, geralmente se desenvolvem em espaços escolares sob a égide das disciplinas de Estudos Sociais, História, Geografia e Ciências,

portanto, com maior frequência em espaços urbanos e voltados preferencialmente para crianças e adolescentes.

Desse modo, as preocupações com o turismo cultural em espaço rural e com a educação patrimonial e suas possibilidades de desenvolvimento, via educação não-formal, como um aspecto da chamada educação continuada e permanente<sup>43</sup>, surgiram a partir de um desdobramento de estudo anterior, que configurou uma base para os novos estudos do doutorado. Pudemos perceber que o trabalho educacional não-formal nesses espaços históricos pode ser oferecido para diferentes faixas etárias e para grupos oriundos de classes sociais diversas, pois existem atividades turísticas e educacionais gratuitas.

Assim, salienta-se a possibilidade do desenvolvimento de uma educação não-formal, não estando restrita ao espaço urbano, e que será desenvolvida em espaço rural possibilitando a compreensão do contexto agrário cafeeiro e do patrimônio material e imaterial por ele produzido, por parte dos educandos. Essa atividade turística pode representar uma melhoria da qualidade de vida dos visitantes idosos ao aumentar as potencialidades de entendimento, via relações intergeracionais e até permitir o desenvolvimento do sentido de pertencimento que conduz à construção da cidadania, através da preservação do patrimônio material e imaterial.

Defendo que a educação com o patrimônio possa pensar em ter como metodologia a criação de uma narrativa que provoque o diálogo com o indivíduo, baseada nas experiências de ambos, respeitando sua história de vida (CABRAL, 2004).

Portanto, o espaço empírico da presente pesquisa é o das fazendas históricas paulistas selecionadas pelo projeto em Políticas Públicas, em andamento, denominado: Patrimônio Cultural Rural Paulista: espaço privilegiado para pesquisa, educação e turismo<sup>44</sup>. Das quatorze fazendas envolvidas no projeto, seis serão selecionadas

---

<sup>43</sup>Educação continuada é o nome dado ao processo globalizado e contínuo que visa a formação integral da pessoa, para o atendimento de necessidades e aspirações de natureza pessoal, profissional e ou social, englobando tanto o percurso pelos níveis de ensino (educação escolar) como o atendimento pela variada oferta da educação não-formal.

Educação permanente é o nome dado ao a educação de jovens e adultos que destina-se aos que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio e deve ser apropriada às características do alunado, a seus interesses, condições de vida e de trabalho. Disponível em: <http://www.inep.gov.br/pesquisa/thesaurus/>. Thesaurus Brasileiro da Educação. Acesso em 10 de jan. 2011.

levando-se em conta o desenvolvimento de atividades de turismo cultural e de educação patrimonial nas mesmas e sua localização em espaços diversos do estado de São Paulo.



Legenda: Fazendas Históricas Paulistas  
Acervo: Centro de Memória da Universidade Estadual de Campinas - CMU

A questão central desta pesquisa é, portanto, discutir os princípios estruturadores das ações de educação patrimonial não-formal no âmbito do contexto rural paulista e sua forma de realização em diferentes espaços não-formais e visando diferentes faixas etárias em grupos provenientes de classes sociais diversas.

Assim, pensando em atividade educacional não-formal no campo do patrimônio histórico, lembramos que a educação patrimonial:

É um instrumento de “alfabetização cultural” que possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico – temporal em que está inserido (HORTA, 2003, p. 11).

A autora ainda ressalta que este processo leva ao desenvolvimento da auto-estima dos indivíduos e das comunidades, e à valorização de sua cultura, como propõe Paulo Freire em sua idéia de *empoderamento*, de reforço e capacitação para o **exercício da auto-afirmação**, visando a construção de uma cidadania consciente.

Frisch (1990, p. 46) conceitua o empoderamento como um processo que possibilita a aquisição de habilidades e conhecimentos àqueles que estão alijados do poder. O autor afirma que, a partir de uma prática dialógica, o grupo pode conquistar a promoção de uma consciência histórica mais democrática e dessa forma pode se apropriar de uma gama mais profundamente representativa de experiências, perspectivas e valores.

Outra autora lembra a importância da memória compartilhada para se obter o empoderamento de grupos dominados:

As reconstruções compartilhadas de processos históricos-sociais, via memória oral, podem redundar em argumentos políticos capazes de fornecer um certo poder aos grupos sociais estudados, permitindo a eles ganhos em suas lutas, sejam elas de caráter político, social ou cultural o assim denominado processo de empoderamento (SIMSON, 2008, p. 07).

A autora afirma que o fator determinante do sucesso desse processo de construção é o domínio conjunto de um conhecimento novo, que depende da capacidade do pesquisador de traduzir as conclusões da investigação científica numa linguagem que seja facilmente compreendida pelo grupo pesquisado.

Uma estratégia reconhecida como eficiente para produzir situações de empoderamento é a educação não-formal, que pode acontecer em espaços comunitários os mais diversos.

Neste sentido, segundo Gohn (1999), a educação não-formal aborda experiências educativas que ocorrem fora das escolas, em processos organizativos da sociedade civil, ao redor de ações coletivas do chamado terceiro setor da sociedade. Dessa forma, as práticas de educação não-formal são encaradas como:

Passíveis de serem aplicadas a todos os grupos etários, de todas as classes sociais e em contextos socioculturais diversos, gerando oportunidades de crescimento individual e grupal pela participação

em processos de transformação social (SIMSON, PARK & FERNANDES, 2001, p. 19).

Entretanto, no caso das fazendas históricas o conteúdo referente aos patrimônios material e imaterial, a ser trabalhado via educação não-formal, pode e deve ser diverso, segundo a origem social dos visitantes e a faixa etária dos mesmos.

Os primeiros escritos acerca do tema da educação patrimonial, de autoria de Maria de Lourdes Parreiras Horta, já questionavam os motivos e objetivos de se pensar em um processo educacional focado na evidência material da cultura. A pergunta básica, que pautava as discussões era: “Por que e como levar as crianças a voltar os olhos para o passado?”

Horta (1984) afirma que a primeira resposta para essa questão poderia ser a de que a motivação deve atender às necessidades da criança e ser adequada ao seu nível de desenvolvimento intelectual e emocional. Carneiro (2009, p. 46) complementa a questão relacionando-a também aos interesses específicos “fundamentados nos elementos de cunho social e cultural da vida dos indivíduos, devendo, portanto, esta preocupação, ser estendida a quaisquer faixas etárias”.

Visando essa integração geracional e de classe social, sob a égide do conhecimento e da valorização dos patrimônios rurais, material e imaterial, a pesquisa busca enfocar criticamente a maneira como o mundo rural paulista enfrenta esse desafio educacional multigeracional (jovens, adultos e idosos) e voltado para diferentes grupos sociais, considerando também a origem de classe dos visitantes.

A atividade turística desenvolvida nas fazendas históricas pode voltar-se tanto para jovens como para idosos.

Em relação às vias investigativas utilizadas para conceituar a juventude<sup>45</sup> como categoria sociológica, no campo da educação, Sposito (2000) afirma que é preciso cada vez mais considerar a juventude como um momento do percurso de vida capaz de reter sua peculiar forma de vivê-lo e menos como mera etapa preparatória para a vida adulta.

---

45

A juventude é um conceito mais amplo que inclui o período da adolescência. É um processo de transição em direção a condição adulta. O conceito de transição evoca de imediato, dois sentidos: por um lado, o sentido de ‘passagem’ de uma situação para outra, ou seja, entre situações etária e socialmente distintas; por outro, o de ‘movimento’, porquanto essa passagem implica um processo dinâmico e temporal. Mas há ainda um outro sentido que resulta da articulação dos outros dois. A transição implica também a ‘combinação’ de situações diferentes em tempos também diferentes (GOMES, 2003, p. 49).

A autora expõe que atualmente o conceito não é concreto e está dividido entre a idéia de uma fase ou um ciclo de vida, com influências da cultura e da sociedade.

Os jovens de hoje em dia também são considerados agentes de mudança social, geralmente, com uma visão de mundo em oposição à sociedade estabelecida e cheios de propostas inovadoras, que geram a descontinuidade, quebram tradições e pressionam a substituição de antigos valores e padrões de comportamento por novos. (RUSCHEL & CASTRO, 1998, p. 38).

Em relação à valorização da experiência dos mais velhos, Queiroz (1988) relata que na França, até a década de 20, a transmissão de conhecimentos, por via oral e pela experiência direta, continuava de grande relevância, sob a orientação dos mais velhos que detinham o saber prático referente às atividades agrícolas e aos ofícios. Simson (2002) relata sobre comunidades ainda isoladas da África, da Oceania e da América do Sul, nas quais a memória ainda é organizada e retida pelo conjunto de seus membros, e nas quais os mais velhos se incubem também de transmiti-la aos mais novos, devido à sua maior experiência e vivência exercendo assim, o importante papel social de **guardiões da memória**.

Pessoas de mais idade dentro de um grupo sociocultural podem afirmar sua própria identidade, expandir as fronteiras de seu valor, reconhecerem-se como participantes da vida atual do grupo, por meio da memória compartilhada, porque a identidade individual é uma instância que depende do outro. (SIMSON e GIGLIO, 2001, p. 144)

Dessa forma, podemos pensar a Educação Patrimonial, criando uma demanda e necessidades para as novas gerações, através da história contada a partir das memórias dos idosos, como detentores e disseminadores do saber popular, via educação não-formal.

Machado (2004) afirma que um trabalho educativo que considere os bens culturais como ponto de partida pressupõe o envolvimento de toda a comunidade e não pode ficar restrito somente aos muros da escola. De acordo com Newman (1997), a interação mútua das pessoas de uma geração a outra pode contribuir para o crescimento e desenvolvimento mútuo, enquanto realça suas próprias vidas.

Deste modo, as possibilidades do processo educacional não-formal nas fazendas históricas paulistas, podem ir além das práticas turísticas, enfocando também a

educação patrimonial, porque ambas constituem processos de aprendizagem constante se dando ao longo de toda a vida.

Outro aspecto dessa atividade turística é apresentado por Rosada e Bortolucci (2007) quando afirmam que o desenvolvimento das atividades turísticas mantidas nas antigas fazendas de café do Estado de São Paulo traz divisas que permitem a conservação desse patrimônio. Em muitos casos, os edifícios históricos só continuam existindo devido à sua nova destinação econômica, pois poderiam ter sido eliminados se não houvesse atividade que justificasse sua manutenção. Os autores ainda ressaltam que a harmonia entre o patrimônio histórico e as necessidades impostas pela nova dinâmica, no caso o turismo, pode ser complementada através da educação patrimonial, que sendo oferecida também para escolas privadas geraria uma fonte de renda complementar.

Uma das autoridades, reconhecidas na área dos estudos sobre turismo, afirma:

Partindo do princípio da importância de se conservar o patrimônio cultural, pode-se dizer que quanto melhor ele estiver conservado, maior serão as possibilidades de tal patrimônio ser apropriado pelo turismo, dessa forma, estabelece-se uma relação de troca, enquanto o turismo auxilia na conservação do patrimônio, o patrimônio conservado ajuda o turismo a vender os atrativos histórico-culturais que ele possui (BARRETO, 2000, p. 25).

Dessa forma, a meta da interpretação sócio-cultural desse rico patrimônio rural paulista aplicada a atividade turística é estabelecer uma rede de descobertas para o visitante, seja ele proveniente das classes média ou média-alta ou ainda originário das classes populares, estimulando o seu olhar, provocando a sua curiosidade e levando-o a descobrir muito mais sobre o lugar e seus habitantes. A história do tempo presente desses locais, com suas lendas, causos e modinhas, passa a valorizar tanto as atrações naturais como as culturais, ainda preservadas nas fazendas históricas.

A educação patrimonial deve estabelecer assim, uma comunicação rica e efetiva com o visitante mantendo-se desse modo, importantes interfaces com o turismo cultural, ao agregar valor aos patrimônios materiais e imateriais rurais. Bruno (1998) afirma que a educação patrimonial pode ocorrer por meio de objetos, coleções, monumentos e bens patrimoniais, os quais despertam a criatividade e o raciocínio, que propiciam a aprendizagem, o lazer, a sociabilidade e a identidade cultural. Essa educação possui além dos parceiros formais como as escolas, também associações, clubes e empresas que desenvolvem programas turísticos para seus membros.



## **Metodologia**

Para a análise e delineamento dos princípios estruturadores das ações de educação patrimonial não-formal no âmbito de fazendas históricas do meio rural paulista, foram sistematizadas algumas etapas. São elas: pesquisa de fontes primárias através de documentos escritos, pesquisas bibliográfica, pesquisas de campo a partir de uma metodologia de caráter qualitativo, a História Oral, com ênfase na técnica da entrevista aberta, sempre acompanhado de observação participante e diário de campo.

Primeiramente será realizado um levantamento documental nas seis propriedades rurais selecionadas para a verificação de como aconteceu e o porquê da transição de uma propriedade rural economicamente ativa para uma fazenda de caráter turístico- rural.

Para a consecução dos objetivos específicos da pesquisa, além da observação participante das atividades turísticas e de educação patrimonial, desenvolvidas nas fazendas, pretende-se entrevistar os seis responsáveis pelas propriedades históricas, seis funcionários mais antigos das fazendas selecionadas e seis monitores. Além disso, em cada fazenda será entrevistado um professor, um aluno e um turista que participaram de atividades educacionais e turísticas nas fazendas para posteriormente se efetuar uma análise crítica dos dados levantados.

Na comparação tanto entre os depoentes provindos dessas propriedades agrícolas como daqueles de origem urbana, vamos levar em conta a questão plurigeracional e a origem dos grupos, a partir de classes sociais diferentes e formação educacional diversa.

A base para o desenvolvimento da pesquisa se constitui na metodologia biográfica que se preocupa com as qualidades dos informantes.

A pesquisa qualitativa realizada através de casos escolhidos, estudados com maior profundidade, não permite uma generalização estatística para o conjunto da população, mas encaminha explicações para o fenômeno estudado e dá as bases para que estudos mais amplos possam ser realizados (LANG, CAMPOS e DEMARTINI, 2010, p. 41).

Dessa forma, o método da História Oral, busca conhecer o passado recorrendo à memória dos narradores. Nesse método a rememoração de fatos é empregada no processo de reconstrução da realidade sócio-cultural (Simson, 1997). As fontes orais segundo a autora podem assumir a forma de histórias de vida, relatos orais de vida, entrevista aberta e depoimentos orais. Dessa forma, a presente pesquisa fará o uso de

duas técnicas diversas: o depoimento temático, voltado para a questão da história da propriedade para funcionários e proprietários e a entrevista com perguntas abertas, voltado para as atividades turísticas nas fazendas.

As fontes orais segundo Simson (1997) podem assumir a forma de histórias de vida, relatos orais de vida, entrevista aberta e depoimentos orais. Dessa forma, a presente pesquisa fará o uso da entrevista aberta em que o entrevistado tem a liberdade de falar, mas através de temas definidos pelo entrevistador.

Assim Brioschi e Trigo, como sociólogas, ressaltam:

No método biográfico, a situação de entrevista é, fundamentalmente, uma situação de interação social, de comunicação, onde se defrontam o pesquisador com um projeto definido e o pesquisado que, aceitando a proposta, faz um relato de sua existência onde está contida uma mensagem destinada ao seu interlocutor (BRIOSCHI & TRIGO, 1987, p. 636).

Na avaliação de Queiroz (1988) a metodologia da História Oral foi empregada, com tanto sucesso, pelos cientistas sociais que foi encarada como a técnica por excelência, sendo complementar às metodologias quantitativas. Para a autora, o relato oral constituirá sempre a maior fonte humana de conservação e difusão do saber e sua transmissão diz respeito tanto ao passado mais longínquo, quanto ao passado muito recente, a experiência do dia-dia, a chamada história do tempo presente.

Davis (2003) trata o momento da entrevista como um evento interativo, uma performance que envolve as atividades de ambos: o entrevistador e o entrevistado, permitindo assim compreender a entrevista como uma construção reflexiva.

O processo de entrevista tem início com o contato com possíveis narradores, ou com intermediários que farão a apresentação do entrevistador; a obtenção de uma entrevista nem sempre é fácil, há uma questão da confiança que precisa ser transmitida e a que o entrevistador terá efetivamente de corresponder. Nesse contato anterior com o entrevistado, são expostos os objetivos da pesquisa, a utilização que se fará dela, esclarecendo-se a forma como será realizada a entrevista, e ainda, que será feita uma gravação. (LANG, CAMPOS e DEMARTINI, 2010, p. 40).

Em uma segunda fase da pesquisa será elaborado uma cartilha em forma áudio-visual, enfocando as questões sobre patrimônio e voltadas para diferentes grupos etários, compreendendo a pluralidade social dos visitantes. Em linguagem simples, direta e transparente as questões fundamentais dos patrimônios material e imaterial e

sua complexidade no mundo rural serão abordadas no intuito de fornecer uma direção segura à proprietários e monitores que recebem os turistas, e aos mesmos, que sedentos de informações, melhor compreenderão o objetivo educacional da visita que realizam.

Os resultados da pesquisa serão amplamente divulgados no seio da população pesquisada e na sociedade mais ampla, através de palestras, participação em reuniões científicas e em constantes contatos e trocas com a Associação das Fazendas Históricas Paulistas.

### **O processo de pesquisa**

Através dos depoimentos realizados durante a pesquisa anterior, conseguimos obter duas visões diferentes sobre o patrimônio rural, sua história e condições de preservação e sustentabilidade: uma de classe mais elevada (dos proprietários e/ou gerentes) e outra a partir da cultura popular (dos trabalhadores mais antigos). Pudemos então organizar, a partir dos depoimentos, uma espécie de tipologia abrangendo três tipos diferentes de propriedade, de acordo com sua utilização educacional e turística:

**Propriedades em processo de preparação para assumir atividades turísticas:** são fazendas cujo patrimônio ainda está em fase de recuperação e organização e as atividades turísticas e educacionais são planos para o futuro, necessitando de assessoria especializada para uma implantação das mesmas com qualidade e eficiência. (Exemplo: Fazenda Santa Úrsula, Jaguariúna – SP)

**Propriedades que oferecem Turismo de Habitação:** são fazendas que praticam o “turismo de habitação”, isto é, recebem os turistas na própria casa-sede acomodados em quartos livres (suítes ou com banheiro compartilhado). As refeições são feitas com os membros da família do proprietário e os hóspedes podem acompanhar e até participar da realização de todas as atividades agropecuárias cotidianas. Há assim uma proximidade com a família do proprietário e a curiosidade dos hóspedes, principalmente daqueles estrangeiros, é constantemente suprida com esclarecimentos e exemplos concretos durante essa convivência cotidiana. Tais propriedades costumam receber também visitas diárias de grupos ou famílias vindas de cidades próximas ou mesmo da capital. (Exemplo: Fazenda Mandaguahy, Jaú – SP e Fazenda Chácara do Rosário, Itu – SP, Fazenda Santo Antônio da Água Limpa, Mococa – SP)

**Propriedades já organizadas como Hotel – Fazenda:** Propriedades que possuindo uma infra-estrutura diversificada e sofisticada para receber os turistas se caracterizam

como Hotéis-Fazenda. Possuem estruturas para o lazer como piscina, cocheiras e plantel de animais preparados para cavalgadas, quadras esportivas, passeios a pé guiados, e monitores treinados para acompanhar os hóspedes em caminhadas e cavalgadas pela região. Recebem também hóspedes de classe média alta da capital e de cidades próximas, entre eles muitos estrangeiros para permanência de alguns dias. Recebem escolas que trabalham com educação patrimonial ou turistas no sistema day-use. (Exemplo: Fazenda Capoava, Itu – SP e Fazenda Bela Vista, Dourado – SP)

Assim pudemos perceber que o trabalho educacional não-formal nesses espaços históricos acontece de diferentes formas, a partir dos três tipos diversos de propriedade citadas acima e pode ser oferecido para diferentes faixas etárias.

Enfim, a atual pesquisa aqui proposta buscará pensar uma educação que envolva o uso do tempo livre, já na fase escolar, e que deverá ter continuidade ao longo da vida, a partir de propostas de atividades de educação patrimonial no espaço rural que visem os interesses, as competências e a identidade do turista, seja ele jovem, adulto ou idoso.

Para que tais atividades ganhem significado e não seja somente um passatempo em espaço rural e pensando no próprio idoso, como participante ativo do processo turístico, salienta-se a preocupação com a construção de um diálogo efetivo com esses turistas, dando-lhes voz durante as visitas e permitindo que ele recontе causas e vivências em espaço rural, experimentados na infância e adolescência.

### **Considerações finais**

A realização de atividades de educação patrimonial não-formal nas fazendas históricas paulistas pressupõe um reconhecimento do valor histórico, tanto do imóvel rural e seu entorno, quanto dos bens materiais móveis e dos fragmentos de memória do patrimônio imaterial encontrado em tais propriedades. Para melhor ser realizada deve se basear na intersecção dos patrimônios material e imaterial, locus da riqueza cultural que tal tipo de educação pode representar, levando em conta tanto os patrimônios produzidos pela elite como aqueles gerados pelos grupos populares, ocorrendo ao longo de toda a vida de um indivíduo e ser realizada de maneira natural e prazerosa.

Os campos da educação patrimonial e do turismo cultural construíram até a atualidade trajetórias relativamente dissociados. O objetivo deste artigo envolvendo tais

áreas, no âmbito da ruralidade paulista, é buscar uma integração frutífera entre elas.

As atividades voltadas para o turismo cultural e para a educação patrimonial tem sido geralmente um privilégio de espaços urbanos no Estado de São Paulo. Há uma lacuna, em termos nacionais, de propostas voltadas aos espaços rurais e a academia raramente consegue adentrar tais espaços para realizar pesquisas de caráter qualitativo, por serem propriedades privadas.

O inovador deste projeto é justamente a possibilidade, aberta pela parceria com a Associação das Fazendas Históricas Paulistas<sup>46</sup>, para que pesquisadores possam afiar suas ferramentas metodológicas na elaboração, sempre em diálogo com os empreendedores e com o público em geral, de propostas de utilização turística e educacional de tais espaços que tendo sido construídos no passado e arduamente conservados durante muitas décadas, tendo seus usos redirecionados no presente, envolvendo agora a educação patrimonial e o turismo cultural como estratégias importantes.

A pesquisa envolve três grupos etários diversos: jovens, adultos e idosos, porque percebemos necessidades diferentes em cada um dos grupos considerados, no que tange ao conhecimento e à valorização dos patrimônios rurais materiais e imateriais, e se justifica porque não existem trabalhos enfocando o patrimônio em espaço rural e englobando os diferentes grupos etários.

Quanto aos jovens notamos que, embora vivendo em espaços urbanos muito próximos às propriedades rurais e que mantêm com estas empresas relações constantes, não valorizam o passado rural de seus antepassados e a riqueza cultural dele resultante, devido a imersão profunda na realidade urbana contemporânea realizada por essa primeira geração nascida e criada na realidade citadina. Assim, o conhecimento a realidade patrimonial se faz, geralmente, na educação formal, quando poderia acontecer de maneira mais natural e prazerosa via relações familiares.

No caso dos adultos que vivem uma situação de inserção de vida familiar e profissional em realidade urbana, mas receberam uma riqueza pluri-cultural advinda da memória de avós e bisavós, migrantes da zona rural, a visita às fazendas históricas

---

46

A Associação das Fazendas Históricas Paulistas atualmente é uma OSCIP (Organização da Sociedade Civil de Interesse Público) e reúne propriedades históricas dos séculos XVIII, XIX, e início do século XX que trabalham com turismo no espaço rural.

proporciona uma oportunidade para concretizar um imaginário construído durante a infância e a juventude.

Quanto aos idosos, que muitas vezes migraram de pequenos núcleos rurais ou mesmo de propriedades rurais ao final da adolescência ou no início da idade adulta, retornar a uma propriedade rural significa concretizar sentimentos nostálgicos que idealizam esse viver da juventude. Significa também, quando a visita é feita em grupo familiar, mostrar aos seus descendentes aspectos concretos das memórias constantemente veiculados nas conversas em família, o que lhes proporciona um duplo papel de guardiões da tradição cultural de origem camponesa e de introdutores dos seus descendentes nos espaços da ruralidade paulista.

Assim, entre as possibilidades que contribuem para o desenvolvimento de um processo educacional não-formal, envolvente e prazeroso, nas fazendas históricas paulistas, estão o turismo cultural no espaço rural e a educação patrimonial não-formal, focos dessa pesquisa, ambos geradores de meios que permitirão a sustentabilidade dos patrimônios material e imaterial nas propriedades consideradas.

### **Referências bibliográficas**

BARRETTO, M. As ciências sociais aplicadas ao turismo. In: SERRANO, C.; BRUHNS, H.T.; LUCHIARI, M.T. (Org.). *Olhares contemporâneos sobre o turismo*. Campinas: Papirus, 2000. p. 17-36.

BRIOSCHI, L.R; TRIGO, M.H.B. Relatos de vida em ciências sociais: considerações metodológicas. In: *Ciência e Cultura*. São Paulo: SBPC, v. 39, 1987, p. 631-637.

BRITO, M. *Memória e Cultura*. Rio de Janeiro, Centro de Memória da Eletricidade no Brasil, 1989.

BRUNO, M.C.O. *Museologia e Turismo: os caminhos para a educação patrimonial*. São Paulo: Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Sousa, 1998.

CARNEIRO, C.G *Ações educacionais no contexto da arqueologia preventiva: uma proposta para a Amazônia* [tese-doutorado]. Programa de Pós-Graduação em Arqueologia. Universidade de São Paulo, São Paulo – SP, 2009.

DAVIS, K. *Biography as critical methodology*. Newsletter Research Committee of ISA, n. 38, Utrecht University, 2003.

FRISCH, M. *A Shared Authority: Essays on the Craft and Meaning of Oral and Public History*. Albany: State University of New York, 1990.

GOHN, M.G. *Educação não-formal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor*. São Paulo: Cortez, 1999.

GOMES, J. V. *Jovens urbanos pobres*. Revista Brasileira da Educação. ANPED, n. 5/6, 1997, p. 53-62.

HORTA, M.L.P (2003). *O que é Educação Patrimonial?* Acesso <http://www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2003/ep/pgm1.htm>

HORTA, M.L.P. *Lições das coisas: o enigma e o desafio da educação patrimonial*. In: *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Rio de Janeiro, n. 31, 2005, p. 221-233.

HORTA, M.L.P; GRUNBERG, E; MONTEIRO, A.Q. *Guia Básico de Educação Patrimonial*. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial, 1999.

LANG, A.B.S.G; CAMPOS, M. C. S.S; DEMARTINI, Z.B.F. *História Oral, Sociologia e Pesquisa: a abordagem do CERU*. São Paulo: Humanitas,2010.

MACHADO, M.B.P. *Educação Patrimonial: orientações para professores do ensino fundamental e médio*. Caxias do Sul: Maneco, 2004.

NEWMAN, S. *Intergenerational programs: Past, present, future*. Washington: Taylor & Francis, 1997.

PARK MB, FERNANDES RS, CARNICEL A. *Palavras-chave em Educação Não-Formal*. Campinas (SP): Editora da UNICAMP/ Centro de Memória e Editora Setembro, 2007.

ROSADA, M; BORTOLUCCI, M.A.P.C.S. (2007). *Velhas fazendas cafeeiras: patrimônio e turismo em espaços esvaziados*. In: Centro digital de vanguardia para La investigación em ciencias sociales. Disponível em: <http://www.flacsoandes.org/web/imagesFTP/1216928893>. Acesso em 20 de jan. 2011.

RUSCHEL, A. E; CASTRO, O. P. A intergeracionalidade na dinâmica das relações de poder familiar. In: CASTRO, O. P. *Velhice, que idade é essa? Uma construção psicossocial*. Porto Alegre: Síntese, 1998.

FERNANDES, R.S. *As marcas do vivido sentido: memórias de jovens ex-frequentes de um projeto de educação não-formal*. [tese – doutorado] – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, 2005.

SIMSON, O.R.M. *História Oral, memórias compartilhadas e empoderamento: um balanço de experiências de pesquisa*. Texto apresentado em Simpósio realizado na Universidade de Concórdia no Canadá, 2008.

SIMSON, O.R.M; PARK, M.; FERNANDES, R.S. *Visões singulares, conversas plurais*. São Paulo: Itaú Cultural (Rumos: Educação, Cultura e Arte), 2007.

SIMSON, O.R.M; PARK, M.B; FERNANDES, R.S. *Educação não-formal: Cenários da criação*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP/Centro de Memória, 2001.

SIMSON, O.R.M. *Os desafios contemporâneos da História Oral*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP/ Centro de Memória, 1997.

SPOSITO, M. P. *Estado do conhecimento sobre a juventude em escolarização (2002)*. Brasília: INEP/MEC (Série Estado do Conhecimento, n.7). Disponível em: [www.acaoeducativa.org.br](http://www.acaoeducativa.org.br). Acesso em 10 de jan. 2011.